

Contos Maravilhosos Pacífico

Tradução/Adaptação: Yara Camillo

Ilustração: Ivan Coutinho





Contos
Maravilhosos
Pacífico



Tradução/Adaptação: Yara Camillo
Ilustração: Ivan Coutinho



PREFÁCIO

Os seis contos que fazem parte deste livro foram traduzidos e adaptados a partir da obra “Legends of Gods and Ghosts – Hawaiian Mythology”, de William Drake Westervelt, que reuniu e traduziu, diretamente do idioma havaiano, textos e relatos que nos falam sobre os costumes, os mitos, o folclore, o modo havaiano de sentir e perceber o mundo. O resultado é um admirável estudo etnológico de cuja leitura saímos enriquecidos.

Nas páginas dessa obra tão séria e profunda que o autor nos traz, de um passado remoto, num livro publicado há mais de um século e que atualmente se encontra em domínio público, surgem belas histórias, entre tantas informações e referências importantes sobre a cultura, a alma, do povo havaiano. Apresentá-las em forma de conto foi o que buscamos, sem nos afastar do original.

Esperamos que a leitora e o leitor deste livro façam um bom passeio pelas lendas e paisagens aqui narradas. Que se deixem envolver pelo clima singular e mágico de um povo antigo, cujos descendentes até hoje habitam aquelas ilhas.

Yara Camillo



SUMÁRIO

- 7 O FRUTO MÁGICO INESGOTÁVEL
- 11 MILU, O REI DOS FANTASMAS
- 17 PUNA E A DEUSA-DRAGÃO
- 21 UM MODO HAVAIANO PARA DESCOBRIR FANTASMAS
- 26 A CORRIDA DE CANOAS
- 30 O ENGANO DO GIGANTE GUERREIRO





O FRUTO MÁGICO INESGOTÁVEL

Kukali nasceu em Kalapana, o ponto mais ao sul da grande Ilha Havaí.

O pai de Kukali era um sacerdote de vasta sabedoria e habilidade, que ensinou aos filhos como exercer poderes mágicos, como orações e encantamentos. Para Kukali, ele revelou os segredos dos fabricantes de canoas e também como moldar a lava mais dura na forma de lâmina, para fazer seus instrumentos de trabalho e combate. Assim, Kukali tornou-se um feiticeiro, confiante na sua capacidade de enfrentar a arte dos sábios, mesmo os mais poderosos.

A febre das viagens marítimas estava no sangue do povo havaiano e o coração de Kukali ardia no desejo de visitar as ilhas longínquas sobre as quais outros homens contavam histórias maravilhosas.

Um dia, Kukali foi para a floresta e, escolhendo a árvore aprovada pelos presságios, construiu uma grande canoa para sair em suas aventuras. Antes de partir, despediu-se dos seus e recebeu, do pai, preciosos conselhos e também uma banana, a fruta de que mais gostava. O sábio sacerdote lhe disse:

— Depois de comer a fruta, não jogue a casca fora e não a perca. Guarde-a com cuidado, que ela vai se refazer em pouco tempo, alimentando-o sempre que precisar.

Não se sabe por quanto tempo Kukali navegou por grandes extensões de água, guiado pelo sol durante o dia e pelas estrelas à noite, até que um dia chegou a uma daquelas terras estranhas com que tinha sonhado

durante anos. Arrastando a canoa para um lugar seguro, deitou-se para descansar e entregou-se a um sono profundo. Sonhos perturbadores o afligiram, mas o cansaço era grande e ele não conseguia acordar.

No limiar entre o sonho e a realidade, Kukali sentiu um vento forte que anunciou a chegada de um grande pássaro. Nunca se tinha visto nada parecido com aquela ave, nas belas ilhas do Havaí. Parecia dotada de grandes poderes e cada pena das suas imensas asas terminava em terríveis garras. Sem saber, Kukali se deparou com Halulu, o deus carnívoro da ilha onde desembarcara.

Kukali foi levado pelo deus-pássaro para um vale de íngremes paredes e lá deixado, ainda entregue ao seu sono profundo.

Quando por fim acordou, viu-se em companhia de muitos outros que, como ele, haviam sido capturados pelo grande pássaro e lançados naquele vale-prisão. Não tinham o que comer e estavam muito fracos. De vez em quando, um deles deitava-se para morrer. Então Halulu, o deus-pássaro, varria o fundo do vale com suas asas que terminavam em garras e colhia as vítimas, inertes, no chão. Os que ainda tinham alguma energia conseguiam fugir e esconder-se nas fendas das paredes, mas, dia após dia, os prisioneiros mais fracos eram colhidos e levados por Halulu, para servir-lhe de alimento.

Penalizado com o desamparo dos seus companheiros de prisão, Kukali preparou os seus melhores



encantamentos e orações para ajudá-los a vencer a grande ave. Com o mágico fruto inesgotável que recebera de seu pai, alimentou todos, até que se sentissem em condições mínimas para buscar, no vale, as pedras adequadas para o fabrico de armas. Por muitos dias trabalharam, produzindo facas e diversos tipos de lâminas, com aquelas pedras afiadas.

Enquanto Kukali e os seus companheiros se preparavam para lutar, o deus-pássaro se impacientava com a colheita de suas vítimas, cada vez mais raras. Notando que elas se escondiam nas fendas do íngreme paredão rochoso, Halulu começou a varrer as paredes com suas terríveis asas. Era o momento esperado por Kukali e seus companheiros que, saindo dos esconderijos, atacaram a ave, cortando as penas de suas asas com as lâminas afiadas.

Halulu gritava de dor e de raiva, redobrando o ataque, mas a coragem contagiara os combatentes que, sob o comando de Kukali, lutavam por suas vidas.

Depois de uma batalha feroz, Halulu tombou no fundo do vale, entre os prisioneiros que, rapidamente, o mataram. Com grande quantidade de ramos secos e troncos de velhas árvores, cobriram o corpo dilacerado de Halulu e atearam fogo, reduzindo-o a cinzas.

Não muito longe dali vivia Namakaeha, que era da família de Pelé, a divindade dos fogos vulcânicos.

Namakaeha sentiu no vento o cheiro de penas queimadas e entendeu que o seu irmão, Halulu, estava morto. Sabia também que ele só poderia ter sido vencido por alguém que possuísse grandes poderes mágicos. Sentindo o perigo, chamou os kahunas, seus feiticeiros protetores e, juntos,

se prepararam para enfrentar o temível inimigo que sabiam estar por perto.

Ignorando os planos sinistros de Namakaeha e seus feiticeiros, Kukali gozava a vida entre aqueles a quem salvara. Explorava vales e montanhas, maravilhado com a natureza exuberante daquela ilha, seus pássaros coloridos e frutos desconhecidos, tão diferentes dos que vira até então.

Certo dia, quando caminhava com seus novos amigos, avistou um buraco enorme, no fundo do qual brilhava o sol, refletido num pequeno espelho d'água. A curiosidade fez com ele tentasse descer, mas sem sucesso. Não havia onde se segurar, nem a menor saliência para apoiar os pés. Então, com a ajuda dos amigos, trançou uma longa corda feita de cipós e, atando-a firmemente ao grosso tronco de uma árvore, começou a descida.

Kukali não imaginava que estava invadindo o poço de Namakaeha, que o aguardava, acompanhando todos os seus movimentos. Com um gesto, ela ordenou a um dos feiticeiros kahunas, escondido na cavidade do íngreme paredão, que cortasse a corda que mantinha o invasor suspenso sobre o abismo. Assim foi feito e Kukali precipitou-se, numa queda vertiginosa. Gritando mágicas palavras de poder, que aprendera com seu pai, Kukali caiu entre as pedras afiadas do pequeno lago que avistara, pouco antes, do alto.

O povo de Namakaeha, saindo de seus esconderijos, cercou o lago. Todos estavam receosos, mas logo se tornaram confiantes. Gritos de júbilo soaram, cada vez mais altos. E assim, dançando e cantando, eles celebraram a vitória sobre o invasor. Mas um dos kahunas, o mais poderoso dentre aqueles feiticeiros, parecia apreensivo e admirado. Fora fácil demais.

Não havia sinal de sangue na água e algo lhe dizia que um inimigo capaz de matar o temível Halulu não poderia se acabar assim.

A comemoração em torno do lago se estendeu pela noite adentro e a madrugada já ia adiantada quando o último deles se recolheu à sua morada. Apenas o feiticeiro permaneceu no local, atento ao mais leve ruído. Não demorou muito e um marulhar quase imperceptível, na borda do lago, revelou a presença do intruso que sobrevivera à queda e se arrastava para fora da água.

Sem esboçar resistência, devido ao seu estado de fraqueza e aos ferimentos que sofrera na queda, Kukali foi conduzido à presença de Namakaeha que, esquecendo seu temor e ódio, teve pena do belo jovem que parecia conformado com a morte que o destino lhe reservara.

Sem coragem de mandar executar o ser que fora capaz de enfrentar e vencer Halulu e ainda sobreviver a uma queda que mataria qualquer outro, Namakaeha prendeu Kukali numa gruta, nos fundos de sua casa, para que morresse naturalmente.

Mas o tempo passava e a cada dia Kukali parecia mais forte. Nenhum alimento lhe fora oferecido. Apenas a água que escorria das paredes da gruta aliviava sua sede. Era um prodígio inexplicável e todos os seguidores de Namakaeha foram tomados por

um temor secreto e a certeza de que o prisioneiro era um mago poderoso, que se deixara capturar por algum desígnio superior que um dia lhes seria revelado.

Parte do que supunham era verdade. As poderosas orações, aprendidas com o pai, muito ajudaram na recuperação de Kukali... Mas também sua juventude, aliada a uma saúde perfeita e ao fruto mágico, inesgotável, que trouxera escondido em suas vestes e que sempre o alimentava.

Com o passar do tempo, foi quase natural que considerassem Kukali, em sua gruta, nos fundos da morada de Namakaeha, parte do que era sagrado para o povo. E foi natural, também, que ele passasse a caminhar entre os habitantes e a receber deles os alimentos que lhe ofereciam. Logo Kukali começou a participar de suas festas e manifestações religiosas.

Quando Namakaeha apareceu grávida de Kukali, o povo foi tomado por grande júbilo. Os kahunas, feiticeiros, proclamaram o acontecido como a vontade superior dos deuses e o tempo seguiu sua marcha inexorável.

Muitos anos se passaram e um dia Kukali sentiu saudades do lugar onde nascera. Não foi difícil convencer Namakaeha a segui-lo numa viagem à grande Ilha Havaí, levando os filhos que tiveram para conhecer seus avós. E assim foram navegando pelo mar azul que banha as ilhas do arquipélago do Havaí.



MILU, O REI DOS FANTASMAS

Lono era um chefe que vivia no lado ocidental da Ilha Havaí. Tinha a pele vermelha e olhos de misteriosa expressão. Era um homem pensativo e sonhador. Havia escolhido, como profissão, a agricultura, tal como os membros de sua família, que trabalhavam na terra desde tempos remotos.

Certa vez, estava cavando a terra com uma espécie de pá de cabo longo e ponta afiada. Mesmo concentrado no trabalho, errou o golpe, provocando um corte profundo no pé, do qual jorrou muito sangue. Estava sozinho, longe de sua família, e ali desmaiou.

Um forasteiro que passava pela estrada parou para socorrê-lo. Para a sorte de Lono, não se tratava de um passante comum. Aquele era Kamaka, o deus da cura que, colhendo folhas e frutos de uma planta chamada popolo, esmagou tudo, acrescentou sal e colocou a pasta em um tecido feito com fibras de coco, enfaixando o local ferido. Ali ficou, ao lado de Lono, por um bom tempo, esperando que o remédio fizesse efeito.

Vários dias se passaram. Quando por fim Kamaka compreendeu que Lono já estava recuperado, resolveu partir. Enquanto caminhava, percebeu que alguém o seguia, com a respiração acelerada. Voltando-se, viu Lono, que disse:

— O senhor me ajudou, curando meu ferimento e salvando minha vida. Então, deixei minhas terras aos cuidados de um amigo, dei-lhe instruções sobre as tarefas que devem ser feitas e me

apressei em segui-lo, senhor, para aprender a arte de curar pessoas.

Sem nada dizer, Kamaka submeteu Lono a um ritual secreto e poderoso, que os uniu para sempre, de modo irreversível.

Assim, os dois caminharam juntos por um bom tempo. Lono aprendeu sobre muitas doenças e os medicamentos necessários para a cura de cada uma delas. Um dia, Kamaka lhe disse:

— Não é justo continuarmos juntos. Você jamais conseguirá se realizar, se ficar comigo o tempo inteiro. Vá para outro lugar, para exercer tudo o que aprendeu e dedicar-se a curar as pessoas.

Lono então separou-se de Kamaka e deu início ao seu trabalho de cura, tornando-se muito conhecido por onde passava. Era grande sua fama e os prodígios que realizava chegaram aos ouvidos de Milu, um chefe de Waipio, que enfrentava inexplicáveis problemas de saúde, embora fosse jovem e muito forte.

Acontece que um deus chamado Kalae queria destruí-lo. Até então, seus sortilégios e maldições não haviam conseguido matar Milu, mas sempre acabavam por deixá-lo doente.

Por um mensageiro, Lono soube que o jovem chefe queria vê-lo e partiu imediatamente. Chegando à casa de Milu, olhou-o com atenção, examinou-o dos pés à cabeça e disse:



— Você não está muito doente. Obedeça-me e logo ficará bom. — E curou-o de todas as doenças que Kalae havia lhe causado e que tanto o abatiam. Mas a ameaça ainda pairava sobre Milu e Lono bem o sabia. Por isso aconselhou-o a construir uma cabana com folhas de ti, que é uma planta semelhante à dracena. E recomendou: — Você deve se abrigar na cabana, todas as vezes que se sentir mal. Assim, estará protegido. E ali deve permanecer, até que o seu mal passe. Veja lá o que vai fazer, pois, se sair da cabana antes do tempo, morrerá.

Milu seguiu fielmente os conselhos de Lono e viveu por longo tempo, desfrutando os prazeres da vida com saúde e alegria. Quando sentia que alguma coisa o ameaçava, abrigava-se na cabana de ti e só voltava à convivência com seu povo quando refeito e bem disposto. Mas um dia, estando ao abrigo da cabana, Milu ouviu pássaros que, ao que tudo indicava, brincavam lá fora, de um modo maravilhoso. Pareciam estar planando no céu azul, por cima da floresta. Isso continuou durante a tarde, até o anoitecer. No dia seguinte os sons que vinham da aldeia de Milu recomeçaram, muito altos, em meio a exclamações que ecoavam por todo o vale.

Diante de tanto barulho e agitação, Milu já não podia obedecer, pacientemente, ao conselho de Lono. Saindo de seu abrigo, viu um enorme pássaro que, num voo rasante, precipitou-se em sua direção e o atacou, arrancando-lhe o fígado com uma só bicada.

Lono, que se encontrava por perto, tentou evitar o desastre, mas já era tarde. O enorme pássaro fugiu, voando para as encostas vulcânicas, levando no bico o fígado de Milu, ainda sangrando. Sem poder alcançá-lo, Lono acompanhou seu voo e então viu, numa

depressão rochosa, uma porção do sangue de Milu. Mergulhando um pedaço de tecido naquele sangue, Lono voltou rapidamente ao local onde Milu estava caído. Preparou às pressas um remédio, com o qual banhou a ferida. Depois preencheu aquele profundo espaço vazio com o pano embebido no remédio e no sangue de Milu, que logo voltou a si e em pouco tempo ficou curado.

Depois de passar por essa morte, Milu voltou a sentir-se muito bem, tal como estava, antes que tudo isso acontecesse. Então Lono avisou-o sobre outra morte que o ameaçava e que em breve aconteceria. Por isso, ele deveria ficar sozinho, quieto, em sua cabana.

Milu assim fez. Por algum tempo, viveu em paz e em silêncio. Mas, certo dia, as ondas de Waipio ergueram-se no mar, muito altas, vindo de longe até a praia... E as pessoas começaram a praticar o surf, competindo entre si com grande alegria e muito barulho.

Esse barulho continuou, dia após dia. Impaciente, cansado de ficar ali, naquele abrigo, Milu uma vez mais se esqueceu das palavras de Lono e saiu da cabana, em direção à praia. Entrou no mar e chegou ao ponto ideal da rebentação, para surfar. Deixou passar a primeira onda, depois a segunda... E quando a terceira se aproximou, lançou-se sobre ela e surfou, provocando exclamações de entusiasmo nas pessoas que assistiam as suas manobras. Milu avançou, rumo a águas mais profundas, depois voltou à praia e entrou novamente no mar, deixando passar a primeira e a segunda onda, como tanto gostava de fazer. Mas então o mar recuou, lançando de volta as ondas, que formaram uma grande massa, chocando-se contra a onda que Milu estava surfando. Essas

duas enormes massas de água o atingiram em cheio, fazendo-o girar e submergir, enquanto sua prancha, apanhada pelas ondas furiosas, foi atirada em direção à praia. Assim, Milu perdeu-se completamente nas águas profundas.

Na praia, as pessoas gritavam:

– Milu morreu! Nosso chefe está morto!

Ao saber disso, o deus Kalae, certo de que tinha conseguido matar Milu, juntou-se a outros deuses da morte e dos venenos e com eles viajou até o vulcão Mauna Loa. Depois seguiram para Molokai onde, como espíritos-kupua, ou corpos-fantasmas, entraram nas árvores de uma floresta e lá passaram a viver. Por isso as árvores se tornaram corpos-kupua, com propriedades que tanto poderiam ser medicinais como venenosas. Só mesmo um grande mago saberia lidar com elas.

Quanto a Lono, permaneceu na região, tornando-se o mestre de todos os sacerdotes do Havaí que se dedicavam a curar as pessoas. Já Milu tornou-se o rei

do Submundo: o lugar onde os espíritos dos mortos iam habitar, depois que perdiam sua vida.

Conta a lenda que Milu criou esportes fantasmagóricos, muito parecidos com os que seus súditos praticavam, antes de morrer. Um dos jogos chamava-se Kilu, que os fantasmas praticavam com cascas de coco polidas, fazendo-as girar sobre uma superfície lisa, para atingir um poste colocado no centro.

Milu ensinou-os também a praticar o Konane, um jogo comumente chamado de Damas Havaianas. Milu permitia que jogassem e apostassem todos os bens que se encontram no mundo dos fantasmas.

Praticavam também o boxe e vários outros tipos de luta. Saltavam do alto de precipícios para piscinas fantasmagóricas. Banqueteavam-se e disputavam com violência suas competições. Assim, viviam a vida de fantasmas, no Submundo, tal como tinham vivido na Terra. Tão grande era a importância de Milu, que às vezes os antigos havaianos chamavam o Submundo simplesmente pelo nome de seu rei, Milu.







PUNA E A DEUSA-DRAGÃO

Oahu é a mais bela ilha do arquipélago do Havaí. Desde tempos remotos, seus habitantes praticavam a pesca e a canoagem, bem como a natação e o surf. Eram organizados em diversas tribos e todos acreditavam em deuses e divindades, adorados pelo povo daquelas ilhas em seus rústicos templos.

Segundo as crenças da época, os deuses interagiam com os mortais e não era raro que se casassem e tivessem filhos com eles. A lenda que se segue fala da origem da fruta-pão, alimento essencial e precioso aos nativos, que nasceu no final de uma longa história, envolvendo duas deusas que queriam o mesmo homem: Puna, o jovem chefe de Oahu. Uma das deusas se chamava Haumea e a outra, Kiha-Wahine.

Tudo começou quando, certo dia, Puna e alguns de seus companheiros passeavam pela ilha, procurando um bom lugar para surfar e logo entraram no mar. Foi então que avistaram uma linda mulher, flutuando ali por perto. Ela chamou a atenção de Puna, dizendo:

– Este lugar não é bom para surfar.

– Você conhece um melhor?

– Sim. Fica um pouco distante – a bela mulher respondeu, demonstrando interesse por ele.

Puna juntou-se a ela e os dois se afastaram, em suas pranchas, sumindo mar adentro, até que não mais conseguiram ver os picos afiados das

montanhas. Os que permaneceram no local ficaram preocupados, mas não se atreveram a buscar suas canoas para iniciar uma busca.

Sem desconfiar de nada, Puna havia encontrado Kiha-Wahine, a deusa-dragão. Esquecido de tudo, até mesmo de sua esposa, Haumea, ele acompanhou a desconhecida, até a Ilha Molokai. Ambos deixaram suas pranchas de surf na praia e caminharam rumo ao interior da ilha, chegando, por fim, à casa da mulher, que ficava numa caverna, na montanha. Não havia ninguém por lá; tudo parecia calmo e tranquilo.

A princípio, Puna estranhou a vida na caverna, tão diferente da que levava, até então, em sua adorada ilha. Mas aos poucos foi se adaptando. Às vezes sentia-se como uma espécie de prisioneiro, mas acabava aceitando as exigências da mulher, que o tratava muito bem, cuidando de suas necessidades e preparando-lhe as refeições. Os dois viveram como um casal durante muito tempo.

Certa manhã, Puna desceu até a praia. Ao ver um grupo de pessoas se divertindo, aproximou-se e foi convidado a participar dos jogos. Por um longo tempo ele se entregou ao prazer de jogar com os novos conhecidos, esquecido da mulher que o aguardava, impaciente. Quando por fim voltou à caverna, aproximou-se cuidadosamente, medindo os passos e pisando com cuidado. Foi então que avistou a mulher, na forma de um dragão. Tentou se esconder, mas estava tremendo e respirava com dificuldade.

Percebendo a presença de Puna, ela assumiu rapidamente a forma humana e começou a amaldiçoá-lo, dizendo:

– És um homem mau, que vem sem fazer barulho e se esconde, mas ouvi tua respiração e te reconheci. Talvez eu coma teus olhos.

A deusa-dragão estava furiosa e Puna não disse nada. Estava tão zangada, que os pelos da sua nuca se eriçavam, mas, como uma rápida tempestade de verão, ela logo se acalmou e a raiva foi se dissolvendo.

Os dois viveram juntos por mais algum tempo e a mulher voltou a confiar em Puna. A paz havia retornado. Mas, um dia, Puna não quis se levantar. Triste e abatido, recusou os alimentos que a mulher lhe oferecia.

– O que tens? – ela perguntou. – Posso fazer alguma coisa?

Puna nada respondeu. A mulher insistiu por várias vezes, até que ele disse:

– Quero a água de Poliahu, a montanha coberta de neve.

– Por que essa água...? A que temos aqui não te agrada?

Ele respondeu:

– Não é a mesma coisa que a água que vem do gelo daquela montanha sagrada. Na minha juventude, os meus bons avós sempre me traziam água de lá. E assim foi, até o momento em que vim morar contigo.

– Mas por que não me disseste nada, por todo esse tempo?

– Não queria te pedir porque sei que é muito longe e trabalhoso conseguir a água de Poliahu.

A mulher baixou a cabeça, depois ergueu os olhos e disse:

– O teu desejo não é difícil de satisfazer. Vou buscar a água. – Ela levantou-se, tomou um jarro e partiu.

Pouco depois, certo de que a mulher não mais podia vê-lo, Puna desceu até a praia, encontrou uma canoa e atravessou o mar, rumo à Ilha de Maui. Depois encontrou outro barco que ia para o Havai e, lá chegando, dirigiu-se à área vulcânica daquela grande ilha. Buscava a cratera do vulcão Kilauea, onde habitava o povo da deusa Pelé, a divindade do fogo, irmã mais velha de sua primeira mulher, Haumea.

Depois de uma árdua caminhada, Puna encontrou o lugar procurado e, gesticulando, do alto, fez com que o vissem, lá de baixo. Os que viviam na cratera gritaram:

– Vejam! Aquele homem é o marido de nossa irmã.

Puna desceu até eles e foi muito bem recebido. Nos dias que se seguiram, Puna relatou tudo o que havia lhe acontecido, desde que seguira Kina-Wahine à ilha de Molokai e lá vivera, em sua caverna, por muito tempo.

A deusa Pelé ouviu toda a história e por fim disse:

– Não demora muito e a deusa-dragão virá atrás de ti. Ela está furiosa e haverá uma grande batalha.



Não deixaremos que te leve, porque ela te matará. – E prosseguiu: – Ela roubou o marido da nossa irmã, Haumea. Devia ter encontrado seu próprio marido e não tomar o que pertence a outra. Fica conosco e, no momento certo, poderás voltar para a tua verdadeira mulher.

Enquanto isso, Kiha-Wahine foi a Poliahu, onde encheu o jarro com a água fria que descia das geleiras. Mas não havia se afastado muito, quando percebeu que tinha sido enganada. Imediatamente, teve a visão de Puna na cratera de Pelé. O furor a dominou e ela então chamou todos os dragões que habitavam as ilhas mais próximas. Reunidos os dragões, Kiha-Wahine os levou à beira da cratera e, gritando, ordenou que lhe devolvessem o marido.

Recusando-se a entregar Puna, eles gritaram de volta:

– Onde está o teu homem? Este aqui é o marido da nossa irmã; ele não te pertence, ó, malfeitora!

Então a deusa-dragão disse:

– Se o teu povo não me entregar este homem, ordenarei que os meus dragões inundem esta cratera e apaguem todos os vossos fogos.

Como o povo de Pelé continuasse se negando a atendê-la, os dragões lançaram a sua saliva pelas bordas da cratera, para destruir o fogo sagrado e exterminar toda a vida lá existente. Mas foi um erro, pois, sob o comando de Pelé, o fogo resistiu e começou a subir pelas paredes da cratera com grande força, queimando toda a saliva dos dragões. Kiha-Wahine

e os outros dragões não aguentaram o calor e o fogo os envolveu, matando muitos deles. Alguns tentaram se esconder nas fendas das rochas, mas os tremores de terra provocados pela magia de Pelé os expuseram ao fogo, que prosseguiu na sua destruição. Os dragões sobreviventes fugiram. Kiha-Wahine, para salvar a própria vida, saltou para Loko-Aka, o lago do dragão. Escapando por pouco da morte, ela permaneceu naquele lago, derrotada e sem o seu marido.

Depois de Pelé ter vencido a terrível batalha com os dragões e de Puna ter escapado com vida, ele regressou a Oahu para encontrar sua esposa, Haumea. Porém, muita coisa havia mudado em sua ilha natal. Como Puna tinha sido dado como morto por todos, outro jovem guerreiro, Kou, havia se tornado o novo chefe de Oahu.

Puna procurou por Haumea, mas não conseguiu encontrá-la. Exausto pela longa jornada, chegou a uma plantação de bananas, comeu muitas, pois estava faminto, depois se deitou para descansar. Adormeceu profundamente e os guardas do novo chefe o encontraram. Tiraram-lhe a tanga e ataram-lhe as mãos atrás das costas, levando-o assim até Kou, que o matou e pendurou seu corpo nos ramos de uma grande árvore.

Haumea, que regressava da pesca, escutou os gritos do povo e, correndo pela trilha, chegou ao local da execução. Sem nada dizer, ela usou seus poderes para abrir o tronco da árvore onde o corpo de Puna se encontrava, penetrou em seu interior e fechou-o atrás de si. Assim nascia a lenda da árvore da fruta-pão, cujos frutos generosos alimentam todos os nativos daquelas ilhas, até hoje.

UM MODO HAVAIANO PARA DESCOBRIR FANTASMAS

Durante séculos, o Vale de Manoa foi, para os habitantes daquela ilha, o palácio real dos arcos-íris. As montanhas que circundavam o vale eram deuses, cujos filhos eram o divino vento e a divina chuva. Deles nasceu Kahala, a bonita Donzela do Arco-Íris que brinca no vale dia e noite, sempre que a névoa de finas chuvas é tocada pela luz do sol ou da lua.

Diz a lenda que a Donzela-do-Arco-Íris teve o amor de dois chefes: um de Waikiki e outro de Kamoiliili.

Cada um deles queria que o belo arco-íris pousasse acima de sua casa, e a donzela, que era descendente dos deuses, ali habitasse. Kauhi, o chefe de Waikiki, era da família de Mohoalii, o deus-tubarão e tinha, em parte, a natureza feroz desse peixe. Como a donzela se recusou a obedecê-lo, ele a matou e enterrou seu corpo. Mas Pueo, que era o deus-guardião que a protegia e que tinha a forma de uma coruja, cavou a terra e trouxe a donzela de volta à vida.

Isso aconteceu várias vezes. Mas, a cada vez, Pueo devolvia o corpo enterrado ao espírito errante. Por fim o chefe Kauhi, furioso, enterrou o corpo bem fundo, sob as raízes de uma grande árvore chamada Koa, que significa "coragem". O deus-coruja cavou e cavou, retirando a terra, mas suas garras ficavam enroscadas nas raízes da árvore, que eram numerosas e fortes. Por fim, ele achou que a vida da donzela tinha mesmo se acabado. E abandonou o lugar.

Então o espírito da donzela, muito aflito, ficou vagando por ali, apressado, tentando chamar a atenção

de alguém. Pois os antigos havaianos acreditavam que se um espírito errante conseguisse despertar o interesse de um ser humano que o ajudasse rapidamente, então esse ser poderia devolvê-lo ao corpo. Por fim, quando já estava quase desanimando, o espírito de Kahala viu um homem jovem, nobre, se aproximar: era Mahana, o chefe de Kamoiliili.

Cheio de esperança, o espírito de Kahala pairou sobre ele, tentando transmitir-lhe sua angústia. Mahana sentiu o apelo daquela aflição, atribuindo-o à presença de um fantasma. Então sentiu que uma força o conduzia em direção à árvore Koa.

Ali ele encontrou a terra revolvida pelo deus-coruja. Arrancou as raízes e descobriu um corpo ferido e desfigurado. Mesmo assim, reconheceu nele a Donzela-do-Arco-Íris, a quem tanto amava.

Mahana levou o corpo para sua casa, em Kamoiliili. Logo que chegou, mandou chamar seu irmão mais velho, um feiticeiro muito respeitado, para fazer as orações e invocações necessárias para convencer o espírito e o corpo da Donzela a se unirem de novo. Por um bom tempo, o feiticeiro praticou todas as artes e orações que conhecia, mas falhou por completo. Ansioso, acabou chamando os espíritos de duas irmãs, que eram deusas-fantasmas e cuidavam do bem-estar da tribo de Mahana.

Essas irmãs-espirituais levaram a alma da Donzela-do-Arco-Íris até o corpo ferido e a convenceram a entrar pelos pés. Evocando as forças da Terra dos



Espíritos, enquanto o feiticeiro cantava e usava seus encantamentos, elas empurraram o espírito de Kahala lentamente, fazendo-o subir pelo corpo, até que a alma, uma vez mais, regressou à sua bela casa. Em seguida as irmãs-espirituais ajudaram Mahana a curar o corpo ferido, devolvendo-lhe seu antigo vigor e beleza.

Muitos dias se passaram. Em estreita amizade, Kahala e Mahana aprenderam a se cuidar e a se querer bem.

No entanto, Mahana sabia que não importava o quanto ele cuidasse de Kahala, enquanto o chefe Kauhi vivesse, ela correria perigo. Então, decidiu desafiar Kauhi para um combate corpo a corpo. Para isso, procurou os lugares onde Kauhi costumava ir, e acabou por encontrá-lo. Os dois discutiram. Por fim, o chefe Kauhi, de Waikiki, acabou admitindo que tinha matado Kahala e enterrado seu corpo. E o chefe Mahana, de Kamoiliili, contou-lhe que Kahala agora estava viva, recebendo a visita de suas irmãs-espirituais.

Kauhi não acreditou. E disse que se alguém estivesse visitando a casa de Mahana, naquele momento, certamente seria um impostor. Em sua raiva, afirmou que estava disposto a sofrer a morte mais terrível que pudesse resultar daquela discussão. E desafiou Mahana a dizer o mesmo.

A verdade é que Kauhi estava tão certo de que Kahala havia morrido, que se ofereceu para ser assado vivo em um dos fornos nativos, chamados imus, se ela se apresentasse ao rei e aos principais chefes daquela região. E disse mais: que vários juízes deveriam ser chamados para julgar aquele caso.

Essa proposta foi aceita por Mahana com tanto entusiasmo, que Kauhi ficou desconfiado e, agora,

temia ter cometido algum engano. Por isso resolveu consultar os magos de sua própria família, que lhe disseram que era bem possível que algum poderoso feiticeiro apresentasse, aos juízes, o fantasma da donzela assassinada e, assim, os enganasse. Todos decidiram, então, que deviam estar preparados para submeter Kahala a uma prova.

Se conseguissem demonstrar, no julgamento, que o ser apresentado como Kahala era na verdade um fantasma, então poderiam invocar a ajuda dos "caçadores de espíritos", para capturá-la e levá-la ao Mundo dos Mortos. Lá ela seria punida com terríveis castigos, por ordem de Milu, que governava o Submundo.

Mas como detectar fantasmas, já que eles sempre apareciam sob a forma humana e eram cuidadosamente protegidos? O mago-chefe da família de Kauhi disse-lhe para preparar, em segredo, um teste completo. Para isso, ele deveria colher as folhas maiores e mais delicadas da "Planta-de-Macaco" e espalhá-las pelo local por onde Kahala iria caminhar, até se sentar diante dos juízes.

Nenhum ser humano poderia pisar naquelas folhas, sem danificá-las. Já um fantasma deslizaria sobre elas, sem causar qualquer dano. Assim, se as folhas permanecessem intactas, condenariam Mahana aos fornos para ser assado vivo. Os caçadores de espírito seriam chamados pelos magos, para capturar o fantasma fugitivo e levá-lo de volta ao Submundo. E se alguma outra donzela das ilhas estivesse tentando se passar por Kahala, isso seria facilmente percebido por um dos juízes, chamado Akaaka, que além de avô de Kahala, era um dos deuses das montanhas do Vale de Manoa.

As folhas foram escolhidas com imenso cuidado



e secretamente colocadas, de modo que ninguém pudesse pisá-las, exceto Kahala.

Essa estranha competição, cujo castigo seria um lugar num forno ardente, despertou grande interesse em toda a tribo. Os imus, fornos cavados na terra, estavam prontos: os buracos tinham sido feitos; as pedras e a madeira necessária para o sacrifício já estavam à mão.

As irmãs-espirituais de Kahala logo souberam da prova para descobrir fantasmas, à qual ela seria submetida. Sabiam também que Kahala nada tinha a temer; elas, porém, não podiam ser descobertas... Se fossem, seriam capturadas e castigadas. Não podiam sequer tentar fugir, pois isso levantaria suspeitas. Assim, a tal prova para detectar fantasmas estava sendo uma verdadeira provação para Kahala e as deusas-fantasmas, que contaram a ela sobre o plano de Kahui e pediram-lhe que pisasse e quebras-se quantas folhas pudesse, de cada lado da trilha por onde iria caminhar. Assim, ela poderia ajudar sua própria causa e também proteger suas irmãs.

Por fim, chegou a hora do julgamento. Lentamente, com grande dignidade, a linda Donzela-do-Arco-Íris e suas amigas caminharam por entre a multidão ansiosa, rumo aos seus lugares, perante o rei.

Kahala pisou e partiu o máximo de folhas que pôde. Imediatamente, foi reconhecida como a filha da divina chuva e do divino vento do Vale de Manoa. Agora já não havia dúvidas sobre sua presença física. As folhas pisadas, marcadas, rompidas, eram a prova ampla e indiscutível: ela estava ali, de corpo e alma.

Desesperado, Kahui reconheceu a jovem a quem tantas vezes havia tentado matar.

Em amarga decepção diante do fracasso do seu "teste para descobrir fantasmas", o mago-chefe declarou que via e sentia a presença de outros espíritos ali, espíritos que de algum modo estavam ligados a Kahala. E protestou, dizendo que tais espíritos deveriam ser identificados e punidos.

Akaaka, o juiz que era deus da montanha e avô de Kahala, propôs então outro método para descobrir fantasmas, que era frequentemente empregado em todas as ilhas do arquipélago havaiano: acreditava-se que qualquer rosto refletido numa cabaça de água seria o rosto de um espírito. Muitas vezes, fantasmas haviam sido descobertos dessa forma: o rosto na água era então agarrado pelo observador, que o destruíra.

Assim, o mago-chefe mandou que trouxessem uma cabaça com água e colocou-a diante de Akaaka. Em sua ânsia de detectar e capturar os espíritos que talvez estivessem ajudando Kahala, o mago se esqueceu de si mesmo e inclinou-se sobre a cabaça. Seu rosto espiritual foi o único a ser refletido na superfície da água. E antes que ele pudesse recuar, para devolver seu espírito ao próprio corpo, Akaaka saltou para a frente e mergulhou as mãos na água, agarrando e esmagando aquele rosto espiritual com suas poderosas mãos. Assim pereceu o espírito do mago-chefe, que caiu morto ao lado da cabaça com a qual esperava destruir as irmãs-espirituais da Donzela-do-Arco-Íris. Quanto a Kahui, recebeu a punição por seus crimes contra Kahala: foi assado vivo no imu preparado em sua própria terra: Waikiki. Suas propriedades e todos os seus bens foram dados a Kahala e a Mahana.

A história de Kahala, sua conexão com o arco-íris e as cachoeiras do Vale de Manoa tem sido contada, de tempos em tempos, na casa dos habitantes nativos do Vale, verdadeiros amantes da natureza.

A CORRIDA DE CANOAS

No Havaí existem muitas árvores nobres. A Koa é, provavelmente, a melhor delas. Conhecida como mogno havaiano, a Koa cresce, exuberante, nas encostas íngremes e ao longo das altas montanhas de todas as ilhas do arquipélago. Além de ser bela, tem um grande poder de resistência. Não é facilmente desgastada pelos seixos ou pela areia da praia, nem facilmente quebrada pelas fortes ondas do oceano. Por isso, nos tempos antigos, a Koa era a árvore da canoa e da prancha de surf dos havaianos.

Conta a lenda que quando alguém queria uma canoa, ia até a floresta e, ao encontrar uma boa árvore Koa, procurava o sacerdote de seu povo e lhe contava sobre seu achado. O sacerdote, então, ia dormir diante de seu santuário. Se durante o sono tivesse a visão de uma pessoa nua, à sua frente, era sinal de que a árvore estava podre e não valia a pena cortá-la. Mas se sonhasse com uma pessoa, homem ou mulher, bela e bem vestida, teria a certeza de que a árvore daria uma boa canoa.

No dia seguinte, o sacerdote ia até a floresta, com seus seguidores, levando oferendas para as deusas e os deuses protetores da construção de canoas. Depois de cumprir as cerimônias necessárias, entre cânticos e orações, o sacerdote pegava seu machado de pedra, ou enxó, e começava a cortar a árvore enquanto rezava:

– Que as divindades nos concedam uma canoa que seja rápida como um peixe para navegar por mares agitados, quando a tempestade desabar por todos os lados!

Depois de moldar as extremidades da canoa e começar a cavar o fundo, removendo boa parte do interior do tronco, o sacerdote e seus seguidores prendiam cordas à canoa, para puxá-la em direção à praia. E quando já estavam prontos para começar esse trabalho, o sacerdote voltava a rezar:

– Oh, deusas e deuses das canoas, olhai por esta! Guardai-a da proa à popa, até que seja colocada em sua devida casa!

Então a canoa era transportada pelo grupo, passando por locais acidentados e íngremes, ao longo da encosta da montanha, até ser colocada no lugar chamado “casa da canoa”, onde receberia os retoques finais.

Longas e grandes, belas canoas foram assim construídas. Dizem que algumas delas tinham poderes milagrosos e se moviam mais rápido do que o mais veloz dos tubarões. Muitas vezes o deus dos ventos, que tinha um afeto especial por um dos altos chefes locais, transportava-o de ilha em ilha numa canoa que nunca descansava quando havia calmarias, nem parava quando ondas ferozes se erguiam no mar agitado. Assim, a canoa levava o chefe, infalivelmente, até o porto desejado.

Há uma pequena história, encantadora, sobre um chefe que visitou a Ilha de Kauai, que fica no extremo norte do arquipélago. O chefe encontrou os nativos dessa ilha festejando e se divertindo, praticando esportes e jogos, completamente entregues à vida livre e selvagem. Assim se passaram vários dias e noites





הַבְּהֵמָה



בְּתֵבֵי

בְּתֵבֵי

até que, num amanhecer, uma agitação diferente, na praia, mostrou que algo de grande importância estava acontecendo.

O chefe visitante, embora não se importasse muito com todo aquele movimento, logo soube do que se tratava: o rei da ilha tinha enviado uma de suas joias reais, mais preciosas, para uma pequena ilha, a muitos quilômetros de distância da costa de Kauai. Esse rei tinha sido abençoado com uma filha muito bela, que a maioria dos outros chefes desejavam como esposa. Então o rei, na esperança de evitar as complicações que daí poderiam resultar, criando-lhe problemas com os pretendentes ciumentos, anunciou que daria a mão de sua filha ao homem que conseguisse trazer a joia que ele tinha enviado à ilha longínqua. Por conta dessa declaração real, foi organizada uma corrida de canoas, cujo prêmio seria a mão da princesa.

Os jovens chefes esperaram pela hora marcada. Suas canoas, belas e bem polidas, alinhavam-se na praia. Já o chefe estrangeiro não fez qualquer preparação. Em silêncio, divertia-se com os gracejos e provocações com que os jovens chefes se desafiavam. Sorrindo calmamente, pediu permissão para participar da corrida. E recebeu, como recompensa, um olhar de aprovação da bela princesa.

O rei anunciou o início da competição. A partida foi autorizada. As canoas, bem tripuladas, foram

empurradas, desde a praia, e forçadas a sair através da rebentação. Na correria, algumas se chocaram, outras se encheram de água enquanto várias se distanciavam, a perder de vista, rumo à cobiçada ilha.

O chefe estrangeiro permanecia imóvel. Parecia não ter pressa de ganhar o prêmio, notou a filha do rei, decepcionada.

Por fim, o estrangeiro lançou ao mar sua canoa, uma bonita embarcação, finamente polida. E chamou um dos membros de sua comitiva para acompanhá-lo. Àquela altura, parecia impossível sonhar com a conquista do prêmio, mas a canoa do estrangeiro começou a mover-se como se tivesse as asas de um pássaro ou as barbatanas do peixe mais veloz dos mares. A verdade era que quem o acompanhava, naquela canoa mágica, não era um simples súdito de sua comitiva e sim um dos deuses que controlam os ventos do oceano.

Assim, o estrangeiro foi o primeiro a chegar à ilha. Depois voltou rapidamente, para encontrar sua noiva. O casamento foi celebrado. Tudo correu tal como havia sido prometido. O estrangeiro ergueu sua casa entre as de seus novos amigos e ali viveu, por muitos anos, com sua esposa, com quem construiu uma família. E ninguém jamais se esqueceu da sua canoa que parecia mesmo possuir poderes mágicos.



O ENGANO DO GIGANTE GUERREIRO

Entre as ilhas de Oahu e Kauai existe uma grande rocha que tem o nome de Pohaku-o-Kauai. Há uma lenda interessante, contada nas ilhas, que fala sobre o surgimento da rocha naquele lugar. A lenda é muito antiga e começa assim:

Há muito, muito tempo, vivia na ilha de Kauai um homem de grande poder, de nome Hau-pu. Quando ele nasceu, os sinais de que um semideus acabava de chegar entre os vivos estavam por toda parte. Relâmpagos brilhavam nos céus e trovões reverberavam ao longo das encostas das montanhas.

Os trovões e os relâmpagos, muito raros nas ilhas havaianas, eram sempre relacionados ao nascimento ou à morte de um ser muito poderoso. Caíam fortes aguaceiros, que se derramavam em torrentes pelas encostas das montanhas, transportando o solo impregnado de minério de ferro oxidado, denso e vermelho, para os vales. Eram tantos, que os riachos e quedas d'água ficavam daquela cor e por isso os nativos os chamavam de "chuva de sangue".

Quando o sol voltou a iluminar os vales, um belo arco-íris formou-se acima da casa onde o jovem semideus havia nascido. Pensava-se que aquele arco-íris provinha dos poderes milagrosos do recém-nascido, que vinham dele e não da luz do sol que o rodeava. Ao longo dos séculos de lendas havaianas, conta-se que muitos chefes tiveram um arco-íris assim, à sua volta, por toda a vida.

Hau-pu, enquanto criança, era muito poderoso. E quando cresceu, ficou conhecido como um grande guerreiro. Tinha a estatura de um gigante. Atacava e derrotava os exércitos dos seus inimigos sem ajuda de ninguém. Sua lança era uma arma poderosa que atravessava fileiras de inimigos. No auge da batalha, Hau-pu saltava para o meio deles e olhava em volta, à procura de uma grande árvore, a maior e mais próxima. De um só golpe, arrancava-a da terra sem o menor esforço e partia para o ataque, varrendo tudo à sua frente, como se empunhasse uma enorme vassoura. Era conhecido e temido em todas as ilhas do Havaí, pois enfurecia-se facilmente e usava os seus poderes sem qualquer cuidado.

Cerca de trinta quilômetros de mar separavam a ilha de Kauai, onde Hau-pu morava, da ilha vizinha, Oahu, cujo chefe se chamava Kaena. Quando as nuvens pairavam sobre a superfície do mar, as ilhas ficavam escondidas uma da outra. Mas quando o céu estava límpido, os vales escarpados das montanhas de uma ilha podiam ser vistos, claramente, da outra. Mesmo ao luar, os contornos de ambas eram bem nítidos.

Certa noite, Hau-pu dormia um sono inquieto. Ruídos indistintos rodeavam sua casa, que ficava no alto de um penhasco.

Gritos, que pareciam vir de muito longe, soaram forte e Hau-pu não tardou a despertar. O barulho cresceu, obrigando-o a se levantar e sair.



Uma multidão de luzes brilhava no mar, diante de seus olhos sonolentos. Parecia que uma grande frota de guerreiros vinha de Oahu, para atacar o seu povo. Mas Hau-pu estava enganado. Era apenas o chefe Kaena que convocara sua numerosa tribo da ilha vizinha para uma noite de pescaria.

Com suas canoas grandes e pequenas, iluminadas pelas tochas, os pescadores estendiam suas maiores redes, cercando um enorme cardume. Não havia necessidade de silêncio. Os peixes eram afugentados para as redes pelas luzes, pelo bater dos remos na água e pelo clamor daquela centena de vozes. Pouco a pouco, as canoas se aproximavam cada vez mais do local onde os peixes se concentravam.

A gritaria aumentava, abafando o rugido das ondas. Uma grande alegria dominava todos. E foi nesse momento que Hau-pu, em sua fúria sem sentido, correu até a beira do penhasco e ergueu uma enorme pedra que estava parcialmente enterrada no chão. Balançando-a para trás e para frente, num

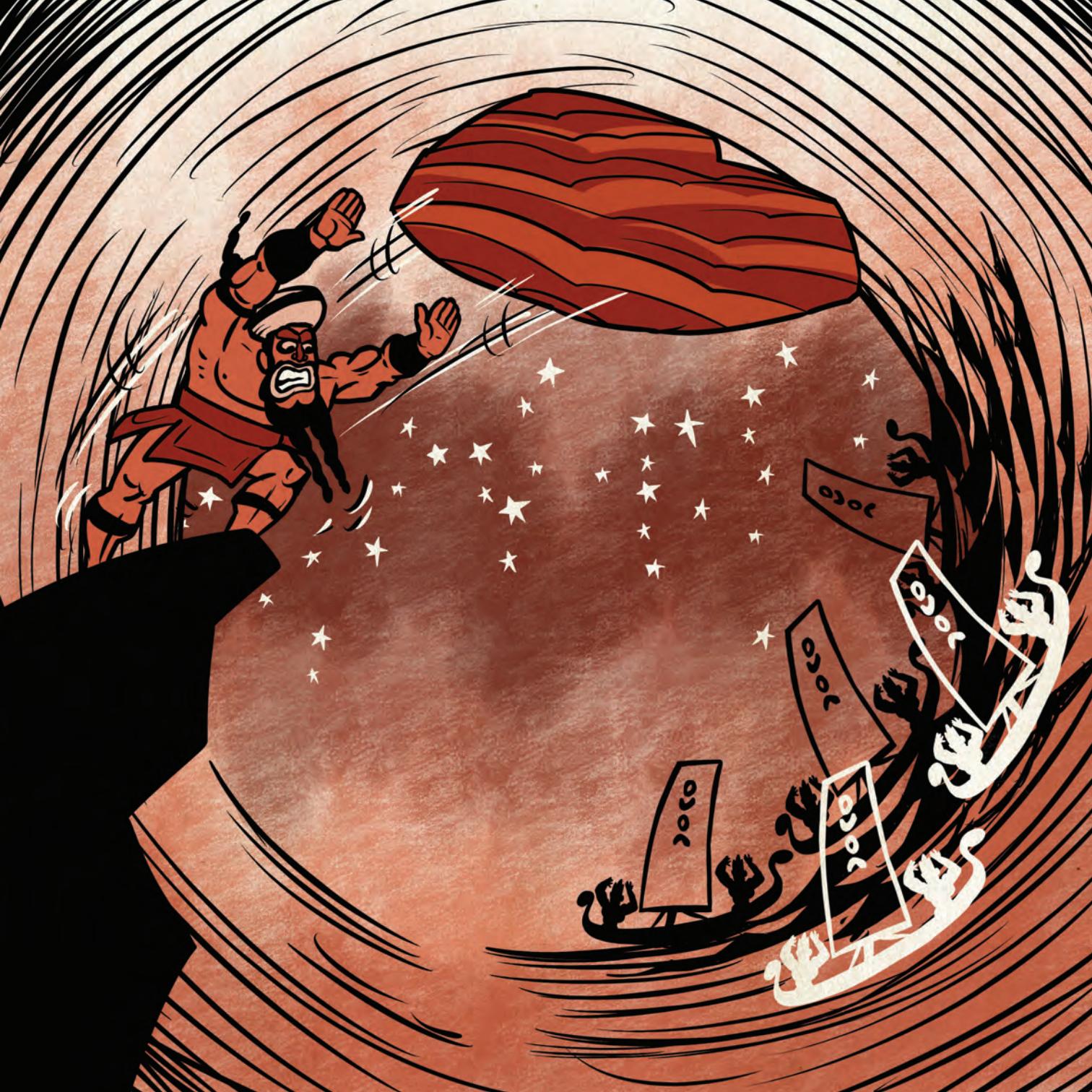
impulso gigantesco, arremessou-a em direção às luzes e aos gritos.

Os pescadores ouviram o som, poderoso como um rugido, da pedra que se aproximava. À luz da lua, a sombra, tão grande como uma montanha, os cobriu e a imensa pedra se abateu sobre eles. As canoas, destruídas, afundaram. O chefe Kaena e quase todos os seus homens perderam a vida.

A rocha atirada por Hau-pu enterrou-se profundamente no leito do oceano, mas uma parte dela ficou acima d'água. Mesmo as tempestades mais terríveis, com suas ondas turbulentas, até hoje não conseguem cobri-la nem tirá-la do lugar. A esta rocha mortífera, os nativos deram o nome de "A Rocha de Kauai".

Por incontáveis gerações, o feito do gigante Hau-pu, seu enorme engano e sua fúria vêm sendo lembrados por todos os habitantes daquelas ilhas do Havaí.









Para mais histórias, acesse o QRCode:



Coordenação Editorial

Christiane Bacchin

Coordenação Gráfica

Gustavo Andrade

Assistente de Produção

Mariana Schmidt

Design Gráfico

Regina Kashihara

Instituto São Paulo de Arte e Cultura

Diretora Executiva

Marcia Gliosci

Diretor Administrativo e Financeiro

Alexandre Terni



Proibido para venda

Distribuição gratuita para fins culturais

Produto cultural resultante de Emenda Parlamentar 202306146567





REALIZAÇÃO:

ISPAC | INSTITUTO SÃO PAULO
DE ARTE E CULTURA

CULTSP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas

SP SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS